

A guerra contra o Irã e os impactos no mercado mundial de petróleo e gás¹

Nivalde de Castro²

Vitor Santos³

Independente se para maior segurança nacional, integridade territorial, humanitarismo ou mesmo luta civilizatória, a guerra contra o Irã está gerando externalidades negativas significativas, na medida em que impacta um vetor transversal e estratégico a todas as economias globais: a energia.

O petróleo e gás natural são dois recursos energéticos essenciais para a economia global e, como a guerra interfere diretamente na sua produção e transporte, os preços subiram e tal aumento se propagará pelas cadeias produtivas como um todo, com destaque para alimentos, transportes e mercado financeiro. Este contexto abre um cenário de incertezas e riscos sobre o comércio e a economia mundiais. Portanto, quanto mais durar o conflito, mais negativos, profundos e duradouros serão os impactos.

O elemento mais sensível do embate de EUA e Israel contra o Irã é o Estreito de Ormuz. Nesse espaço geográfico, circulam, em média, 85 navios petroleiros por dia (2.500 por mês), representando um quinto do petróleo consumido mundialmente. Além disso, mais de 90% dessa produção se destina a países asiáticos, correspondendo a cerca de 45% de todo o petróleo importado pela China. No que se refere ao gás natural liquefeito (GNL), a importância do estreito é similar, já que é rota de mais de 20% do comércio mundial do recurso, dos quais cerca de 80% se destinam a países asiáticos e 24% é para o mercado chinês.

¹ Artigo publicado pelo Valor Econômico. Disponível em: <https://valor.globo.com/opinia/coluna/a-guerra-contra-o-ira-e-os-impactos-no-mercado-mundial-de-petroleo-e-gas.ghtml> Acesso em: 23.04.2026

² Professor do Instituto de Economia da UFRJ e coordenador geral do GESEL- Grupo de Estudos do Setor Elétrico.

³ Professor catedrático do ISEG - Instituto de Economia e Gestão - da Universidade de Lisboa.

O bloqueio do Estreito de Ormuz prejudica tanto os produtores do Golfo Pérsico como os países consumidores asiáticos de petróleo, gás e derivados, determinando, de imediato, um impacto sobre os preços. E este aumento assume ainda maior relevância para a segurança energética dos países dependentes de importações desses combustíveis fósseis e seus derivados, nomeadamente China, Estados-membros da União Europeia, Índia e Japão.

A partir deste contexto, o ponto de partida da análise do presente artigo é apresentar as principais características do mercado mundial de petróleo e gás natural buscando elementos que indiquem que os EUA ganham benefícios com a guerra.

No caso do petróleo, trata-se de um mercado concentrado, tipo oligopólio. Em 2025, os cinco maiores produtores mundiais de petróleo – EUA, Rússia, Arábia Saudita, Canadá e Iraque – detiveram aproximadamente 50% da produção mundial total, com destaque para os EUA, maior produtor, com 16% da fatia. A relevância do petróleo deve-se à sua elevada transportabilidade, integração e complexas cadeias produtivas, sendo um insumo energético fundamental e transversal para todas as atividades produtivas de bens, serviços e transportes aéreo, marítimo e rodoviário.

Assim, choques na oferta, como o que está em curso no Golfo Pérsico, causam efeitos negativos amplos, rápidos e relativamente simétricos entre as diferentes economias, sob as formas de aumento de preço e riscos de desabastecimento, configurando um cenário de incertezas, que pode ser medido, com a interrupção do trânsito no Estreito de Ormuz entre os dias 27 de fevereiro e 31 de março, na evolução dos preços do barril de petróleo de US\$ 75,32 para US\$ 126,69, ou seja, um crescimento de 62%.

Um simples exemplo desse efeito propagador de inflação pode ser observado na autoestrada A-4 Milão-Veneza. Ali, no percurso de quase 300 quilômetros, circula uma média diária de 28 mil caminhões, que formam uma imensa fila indiana. O aumento do preço do diesel provoca um efeito em cadeia, impactando os custos de todos os produtos transportados que irão motivar, ao fim, o aumento da inflação.

O gás natural, por sua vez, apresenta uma estrutura de mercado mais fragmentada e regionalizada, dependente de infraestruturas específicas, como gasodutos e terminais de GNL, e com elevados custos de transporte. Essas características condicionam a arbitragem global e fazem com que choques de oferta tenham impactos mais assimétricos entre regiões.

Assim, enquanto algumas economias podem enfrentar aumentos acentuados de preços devido à sua dependência externa, outras, com maior capacidade de produção interna ou diversificação de fornecedores de gás natural, tendem a ser menos afetadas. Em escala global, coexistem três regiões/mercados com preços

distintos, quais sejam, EUA, Europa e Ásia, que registaram comportamentos muito diversos:

1. Na Europa, o TTF (Title Transfer Facility) teve uma cotação no dia 19 de março de € 59,21/MWh e observou um crescimento de 84% em relação ao dia 27 de fevereiro;
2. Nos EUA, o Henry Hub registou uma cotação de € 9,03/MWh e manteve-se relativamente estável desde o início da guerra; e
3. Na Ásia, o JKM (Japan Korea Marker) assumiu uma cotação de € 65,7/MWh e registou um crescimento de 108%.

Considerando as estruturas dos mercados de petróleo e gás natural e a complexidade das infraestruturas energéticas (refinarias, oleodutos, terminais portuários, instalações de gás natural e grandes frotas de transporte), que não se substituem facilmente, a sua reconstrução pode levar anos e dependerá de fatores críticos, como estabilidade geopolítica e fluxo de investimentos, elementos que raramente regressam de imediato após um conflito da dimensão como esta que está sendo imposta por EUA e Israel ao Golfo Pérsico.

No Kuwait, em 1991, os incêndios nos poços de petróleo demoraram meses para serem controlados e deixaram impactos ambientais que perduraram durante décadas. No Iraque, a instabilidade contínua e a sabotagem prolongaram os efeitos muito além da invasão inicial dos EUA a pretexto da existência de armas de destruição em massa. Já na Síria, o setor energético praticamente colapsou e, ainda hoje, não se recuperou plenamente.

O padrão se repete: a produção demora anos para se normalizar, as cadeias logísticas tornam-se frágeis, os mercados globais reagem com volatilidade e ascensão dos preços e o investimento retrai-se.

No entanto, nesta guerra há grupos econômicos que se beneficiam. Em primeiro lugar, os EUA, por ser o maior produtor mundial de petróleo e gás natural, têm um duplo benefício nas suas exportações em termos de quantidade e aumento do preço no mercado global. Em segundo lugar, a produção dos EUA tende a substituir parte dos contratos antes atendidos pelos países do Golfo Pérsico que exportavam via Estreito de Ormuz para os países mais alinhados politicamente a Washington, como é o caso da Europa e do Japão. A declaração do presidente Trump, em 31 de março, foi muito objetiva e esclarecedora ao afirmar que a Europa pode comprar dos EUA ou ajudar a reabrir o Estreito de Ormuz.

Em terceiro lugar, considerando um cenário mais estratégico, a redução da capacidade produtiva de petróleo e gás dos países do Golfo Pérsico aumenta o controle estadunidense sobre os mercados dessas commodities e firma um redesenho geopolítico e energético no confronto dos EUA com a China. Deve-se considerar, através de uma análise mais acurada, de que as ações recentes dos EUA buscam aumentar o seu poder sobre esses mercados tão essenciais.

Na guerra da Ucrânia, os EUA, de certa forma, acirraram o grau de beligerância, à revelia da posição dos países da União Europeia, grandes dependentes das importações de gás natural da Rússia, com preços muito competitivos. Neste sentido, a sabotagem do gasoduto Nord Stream 2, em setembro de 2022, pode ser considerado o momento de ruptura da relação energética entre Rússia e Europa. De tal forma, que as importações da Europa de GNL dos EUA passaram de 22%, em 2021, para cerca de 55%, em 2025.

Outra ação estadunidense para ampliar a sua ingerência no âmbito do mercado global de petróleo foi a missão militar de destituir o presidente da Venezuela e, em seguida, estabelecer uma relação de dependência e subordinação desse país, detentor das maiores reservas de petróleo do mundo, aos EUA. A guerra do Irã, conforme examinado neste artigo, vai na mesma linha analítica de favorecer os interesses dos EUA, maior produtor de petróleo e gás natural do mundo, de controlar os mercados dessas duas commodities.

Por fim, merece destaque a crítica do primeiro-ministro do Reino Unido, Keir Starmer, realizada em 9 de abril, que expressa bem o problema: “Estou farto do fato de famílias em todo o país verem suas contas de energia subirem e descerem, as contas de energia das empresas subirem e descerem, por causa das ações de Putin ou Trump em todo o mundo.” Há um reconhecimento de que os EUA se beneficiam diretamente da guerra via preços mais elevados.

Nestes termos, entende-se claramente o motivo pelo qual o governo Trump não apoia e critica duramente as políticas de transição energética. Quanto mais os EUA dominar os mercados de petróleo e gás natural, mais poder terão na geopolítica energética e econômica global, ao menos no curto prazo. Portanto, frente ao cenário de incertezas e riscos criado pelos EUA, os países dependentes da importação de recursos energéticos devem investir, ainda mais, na transição energética para reduzir a dependência econômica e política em relação a Washington.